O DISCURSO DA ÉTICA E A ÉTICA DO DISCURSO[1]

Valdemir Miotello[2]

A primeira vez que saí voando pelo mundo, em 1971, eu vim para Belo Hrizonte. Peguei uma carona com um caminhoneiro, e tinha uma família amiga aqui, que morava em Venda Nova. Nunca mais tive contato com o amigo, ele deve estar por aí, Valdir da Léia. Torcedor fanático do Galo, me levou ao Mineirão para torcer pelo time e perdemos naquele jogo, acho que foi 2 x 1 para o Cruzeiro. Ele ficou muito bravo, foi o meu contato com Minas. Peguei uma chuva muito forte naquela semana, muito parecida com a de hoje. Foi a minha chegada a Minas, e aqui fiquei uma semana.

Já pude rever alguns lugres. Hoje eu trouxe a minha esposa, são lugares onde, em 1971, molecão ainda, fui encontrando com Belo Horizonte; depois eu vim várias vezes aqui, mas aquela viagem nunca me saiu da cabeça, foi um primeiro voo pelo mundo, e depois sempre tive gosto de viajar, conhecer lugares novos, e poder voltar a alguns deles como agora.

Eu abro a fala também dizendo do meu espanto de que o Caderno *Mais* da *Folha de S. Paulo* tenha publicado um artigo bem grande sobre a dimensão moral. Era uma entrevista com um pesquisador da escola de Frankfurt discutindo os compromissos e as preocupações morais hoje no mundo e com a a tese de que as pessoas buscam, a partir da filosofia moral, mais o reconhecimento, ser reconhecido como gente, como pessoa, do que qualquer outra finalidade, qualquer outra função. A existência da vida humana para a Escola de Frankfurt hoje seria a construção do reconhecimento, que os outros me reconheçam. Fiquei espantado. Mais do que

1 – Por decisão do autor, o texto que segue é a transcrição editada da palestra proferida em 6 de outubro de 2009.

2 – Graduado em Filosofia, mestre e doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Trabalha com Estudos da Linguagem na Universidade Federal de São Carlos/SP.

isso ainda, no domingo passado, o caderno *Mais* trouxe um caderno inteiro, com muitas discussões, centrado num único tema: *Retrato da Ética no Brasil*. Fiquei mais espantado ainda; o tema está voltando à tona; não é Belo Horizonte só que está pensando em Ética; São Paulo também está pensando; a Escola de Frankfurt continua pensando. Se isso começa a aparecer em vários jornais, é sinal de que está na hora de a gente voltar a pensar sobre ética, responsabilidade, compromisso, as nossas identidades, como a gente se define, quem a gente diz que a gente é e tal.

Nesse movimento todo da Olimpíada fiquei muito feliz com o resultado. Acho que todos nós somos brasileiros, Belo Horizonte é carioca, São Carlos é carioca, nessa hora a Olimpíada é nossa, mas isso mexeu com o nosso imaginário nacional, e vejam um pouquinho também em relação com a política que se discutiu recentemente, para dizer um pouquinho quem nós somos, que valores nós temos e também que responsabilidades a gente tem. Naquele dia em que saiu um caderno inteiro sobre a Rio-16, foi no dia seguinte à escolha do Rio de Janeiro como sede da Olimpíada, o jornal dizia que agora a gente é gente grande, fazendo uma avaliação, e depois, no decorrer da minha fala, eu vou explicitar melhor isso, mas, falando de um lugar diferente, logo de uma responsabilidade também diferente de nós como brasileiros. O Brasil começa a ocupar um lugar mais à vista, tanto que a Olimpíada veio para cá; mas, mais do que isso, também se começa a cobrar do Brasil e às vezes diretamente do Lula que ele assuma compromissos de gente grande, uma vez que nas relações internacionais o Brasil ocupa um lugar de gente grande, e eticamente então se começa a cobrar algo diferente. E dizem o quê? Por exemplo, que o Lula diga para o presidente do Irã que nada de bomba atômica, que o uso da força nuclear tem que ser pacífico; é isso o que o Lula tem que cobrar e tal. Fica parecendo que, por sermos gente grande, a temos que ser igual aos Estados Unidos, igual à Europa, e não seria possível eticamente nós conseguirmos um outro lugar. Aí, a gente ouve que nós somos grandes,

mas a nossa diplomacia é pequena; nós somos um país que daqui a pouco vai ser o quinto na economia; o próprio Lula disse isso na escolha da sede da Olimpíada; mas ainda não ocupamos esse lugar como um país que ajuda os outros a tomar decisões, nós não mandamos as nossas tropas para o Iraque, para o Afeganistão, nós não participamos de guerra; nós mandamos forças como missão de paz, forças pacíficas, como a do Haiti, por exemplo. Então, o nosso lugar é pequenininho. Com essa confusão da embaixada em Honduras, o Brasil abrigando Zelaya, e agora parece que temos um problema de gente grande, precisamos resolver como gente grande. E ao ouvir isso, parece que os países que nos cobram estão dizendo: Senhor Lula, nós vamos ajudar o senhor em Honduras, se o senhor nos ajudar no Irã, ou se o senhor nos ajudar no Afeganistão. Eticamente, parece que nos cobram um outro compromisso, de um país guerreiro, um país que quer atropelar os outros, que quer pela força obrigar os outros a fazer aquilo que nós queremos, ou que os grandes do mundo querem, enquanto parece que nos colocamos num outro lugar da diplomacia, da fala, da alegria; me lembro de uma fala do Guga descrevendo como nós somos; essa é uma perspectiva ética nova, e dizendo na Escandinávia que o mundo está precisando conhecer melhor o Brasil, conhecer os brasileiros, conhecer como nós somos. E ele estava dizendo que nós somos alegres, que nós somos risonhos, que nós somos um povo tranquilo, pacífico, cheio de futuro, cheio de esperança, e é assim que o mundo deveria nos ver, e não como um povo guerreiro, como alguém que pisa com a bota forte em cima dos outros.

Agora, no entanto, enquanto existe esse discurso de um lado, cobrando da gente uma certa ética e nós mesmos nos posicionando diante do mundo num outro lugar, a gente lê também notícias no jornal. No entanto, se a gente vai ser a quinta economia do mundo, aqui, no Brasil, a gente ainda continua com a 75ª colocação no índice de desenvolvimento humano. De um lado, nós parecemos um país grande, precisamos nos comportar como tal, e, internamente nós so-

mos um país em que um pedaço é grande, mas o outro é pequeninissimo, a desigualdade e a divisão entre a gente, os problemas e as relações éticas entre nós mesmos, em que uns têm tudo, e, quando têm tudo, é às custas dos outros, que ficam sem nada, isso fica muito complicado para o resto do mundo entender, como a gente vive, como temos um país que se parece com o primeiro mundo, e há um outro país que parece o último mundo, o quinto, o sexto, o décimo, sei lá qual. Quer dizer, nós temos problemas muito grandes, internos. Além disso, outros pontos também me chamaram a atenção. Nesses últimos tempos de um país pacífico, pouca gente na rua, quase ninguém reclamando de ninguém, de repente, a gente vê a população começar a cobrar dos políticos que eles tenham posturas diferentes. Uma cobrança que a gente faz de vez em quando, mas ultimamente se acelerou porque nós ainda mantemos uma percepção de que, primeiro, todo político é ladrão. Essa é uma percepção que passa pela cabeça de todos nós, é um discurso já recorrente. Mas em alguns momentos isso se acentua. Agora, há o Senado, atos secretos, etc e tal. Os movimentos dos últimos tempos, "Xô, Sarney!", "Fora Sarney!", colocam para a gente de novo um problema ético, e o Senado até tem uma comissão de ética que avalia esses comportamentos. Então, para nós, que somos os eleitores, a gente fica observando, primeiro, como é que essa comissão de ética se comporta, e, segundo, como é que nós podemos olhar os políticos que nós mesmos colocamos lá, mas que, no entanto, exigem de nós, a toda a hora, que nós estejamos dizendo "Xô!", "Passa fora!" "Nós não queremos você aí; você é ladrão; você rouba!", isso e aquilo. Agora, nos últimos dias, quando ocorreu aquele episódio do Enem, do vazamento da prova, do sequestro, do roubo da prova, e o reconhecimento de que a prova tinha vazado, e de ter que jogar no lixo uns 40 milhões de reais dos brasileiros, e mais a esperança de que essa avaliação pudesse dar certo. O Enem é uma porta para o acesso de um monte de gente da escola pública, principalmente para as vagas das universidades públicas, federais e estaduais do país, e também para outras universidades, para mudar esse padrão

de desigualdade de acesso; porque, nos últimos 5 anos, várias instituições, aqui em Minas e no Brasil, inclusive em São Carlos, em São Paulo, começaram a implantar as ações afirmativas para mudar a perspectiva de acesso de pessoas, principalmente daquelas que frequentavam a escola pública, ou mesmo a população negra. Em São Carlos fizemos essa dupla opção, para que eles pudessem acessar vagas que são da escola pública, que são de todos, mas que em algum momento a gente privilegiava, e essa é a palavra, determinado grupo social e determinada raça, em detrimento de outra, para que a gente pudesse constituir um equilíbrio diferente na sociedade. Então, nessa última semana, a gente viu um monte de estudantes da escola pública, secundaristas, na rua, também dizendo: "Meu Deus do céu, o que aconteceu com o Enem?" O próprio José Simão, o "Macaco Simão", da *Folha*, xingou muito, dizendo que o Inep agora é Inepcia. Lá estão aqueles que têm inépcia, eles não conseguem entender o que aconteceu com relação à prova, como é que ela vaza.

Um outro ponto em que eu quero me deter também é a discussão sobre levar vantagem – tudo isso é o começo da conversa, para provocar vocês, para ver se depois a gente consegue amarrar uma fala nesse tempo que estamos aqui. Uma percepção que todos nós viemos construindo nos últimos tempos, que é o nosso jeito, a nossa cara, como nós somos eticamente, como nós nos comportamos, é resumido naquilo que os brasileiros conhecem como a Lei de Gerson. Eticamente, todos nós queremos levar vantagem. Que país é este que a gente está construindo, quando todo brasileiro gosta de levar vantagem? Era assim que o Gerson dizia no meu tempo, porque ele fazia propaganda de cigarro e dizia "Você sabe, não é? Todo brasileiro gosta de levar vantagem. Eu também!". O cigarro era ruim, mas, como era o Gerson que fazia a propaganda, o cigarro até vendia; mas ficou isto: "Todo brasileiro gosta de levar vantagem". Isso é um fato que ainda está de pé e, quase sempre, quando a gente fala em vantagem, não é uma vantagem aleatória, fortuita, é uma vantagem sobre alguém, nas costas dos outros. Eu estou

ganhando em cima de alguém, não é que eu estou ganhando com o meu próprio esforço, estou ganhando uma vantagem sobre os outros.

Um quarto ponto nessa mesma série da minha fala. O próprio Lula vem lembrando ultimamente. É essa frase "ser grande, ser gente grande", que acena para nosso próprio comportamento. É que nós no Brasil normalmente nos comportamos como vira-latas. Nós somos cachorro vira-lata, aquele que anda pela rua; um cachorro pobre, um cachorro chutado por todo o mundo; a gente não tem uma postura boa diante do mundo; é o que está dizendo o Lula também; está dizendo que agora a gente está superando o complexo de sermos vira-latas. Vira-latas não é um cachorro de todo ruim, ele é um cachorro forte, ele é um cachorro garboso, ele é um cachorro mais resistente, ele é um cachorro que vive bem; ser vira-lata não chega a ser um defeito; talvez nem todos os cachorros queiram ser cachorros de madame, carregados no colo, todo selado. Eu adoro vira-lata. De repente, eu mesmo quero ser vira-lata. O que talvez incomode é essa divisão entre os cachorros de madame, aqueles cachorros de raça, e os cachorros vira-latas, como se os cachorros vira-latas fossem de segunda categoria, não tivessem nenhuma importância. Essa divisão é que choca. "Também é bom ser vira-lata; não há nenhum problema, desde que seja visto como um bom cachorro, o cachorro vira-lata".

O que a gente ouve bastante, ainda como introdução a esta nossa conversa, normalmente vem da rapaziada, os que se acham os melhores, dizem: "Eu sou mais eu". Na comparação com os outros, quase sempre se desvaloriza os outros, pondo os outros num lugar para se colocar num lugar mais valorizado; e a gente faz isso sempre de forma egoística; "Eu sou mais eu", e isso sempre reflete para os outros o lugar em que eu estou. Aquele sujeito que eu sou. E isso eu também queria colocar nesta fala, para pensar como a gente se constrói hoje como sujeito, como pessoa, como alguém que desenvolve atos responsáveis.

O DISCURSO DA ÉTICA E A ÉTICA DO DISCURSO

Quando pensei nesta fala, entrando mais diretamente no tema, eu quis falar em ética hoje e resolvi primeiro fazê-lo seguindo uma perspectiva mais filosófica. Mas ao consultar o programa, vi que dois filósofos, o Amauri e o Desidério, já me antecediam; logo era um viés que eu, como linguista, não deveria frequentar. Mas só que eu não posso ignorar os caminhos pelos quais a filosofia andou para falar de ética, porque, em cima dessa base, é que nós mesmos pensamos nós mesmos.

A filosofia não é apenas uma teoria. Ela faz parte da nossa vida, ela vaza aquilo que a gente é. E os últimos tempos trouxeram propostas, perspectivas para se pensar a ética que tinha muito de pragmático, nós vivemos num mundo pragmático. Assim, mesmo querendo levar vantagem, também penso em outra lei, que foi citada nos últimos tempos, a lei do Barrichello; quando na luta com Schumacher de vez em quando ele tinha que perder para o Schumacher ganhar. Assim, outra lei é: "Até perdendo a gente ganha", porque ele continuava empregado, continuava ganhando dinheiro, mas ele tinha que perder para o Schumacher ganhar; isso parecia de vez em quando com o nosso próprio comportamento: a gente tem que perder para que alguém ganhe; levar vantagem não dá para todo o mundo; um bocado de gente tem que perder para que um outro ganhe. Essa é uma visão mais pragmática. Quem não vê no dia a dia que a gente troca várias coisas por uma vida um pouco mais bem sucedida; e a gente troca os nossos próprios comportamentos, as nossas convicções, aquilo que a gente é, por uma vida melhor, por emprego, por dinheiro, por cargo; a gente é pragmático, e nisso pode ter problema.

Eu pensei também, filosoficamente, nos últimos grandes sistemas, e, para dar um contraponto com Bakhtin, na perspectiva mais kantiana de ética, no caminho em que Kant seguiu; uma perspectiva mais universalizante. Aquilo que penso sobre ética tem que ser uma regra e tem que servir para todos. Logo instaura-se uma lei do dever ser. Cada um de nós tem que agir daquele jeito; é um dever ser, um impe-

rativo, que é maior do que a gente, e teria que abarcar todos nós, e teria de garantir uma universalidade do dever, e não um dever vivido individualmente. Essa vivência individual teria que ser única, responsável, social, o que também garantiria que viveríamos em uma perspectiva ética. A gente já sabe que no dia a dia, no decorrer da existência de cada um, fica mais complicado pensar numa perspectiva que seja abstrata, pois não é viável na vida individual de cada um.

Esse é o problema que me traz para falar hoje. Como é que a gente pode navegar numa perspectiva mais universal, e numa perspectiva de ato singular na vida individual de cada pessoa, e isso ser considerado um movimento, um jogo, uma ação, um ato ético responsável entre o universal e o singular? Bakhtin pensou isso. Quem é Bakhtin? Um pensador russo; acho que vai ser muito falado agora no decorrer do século 21; nasceu em 1895, numa cidadezinha pequena da Rússia, numa família aristocrata; tinha um irmão mais velho do que ele, o Nicolai, e tinha quatro irmãs, sendo duas adotivas; era um camarada que desde cedo foi preparado para ser um pensador culto, ele tinha uma governanta, ele e o irmão, e eles liam todos os clássicos, as filosofias, de modo que ele mesmo disse: "quando eu tinha 13 anos, já conhecia toda a filosofia alemã, Kant, Hegel, Marx, tudo aquilo que era possível conhecer". Um camarada, portanto, que estudou muito todos os grandes autores, os autores franceses, os autores alemães; escreveu um tese sobre Rabelais. Um camarada estudioso. Aos 13 anos, ele entrou na escola para terminar o primeiro grau; aos 18 anos foi para São Petersburgo, para fazer universidade em línguas e letras românicas, filologia românica; um viés filosófico e um viés linguístico. No mesmo período em que ele estava em São Petersburgo, estourou a Primeira Guerra Mundial e, em 1917, a Revolução Russa. Ele viveu tudo isso, envolvido por esse ambiente de guerra, nesse período estudantil. Quando se formou, em 1919, foi morar numa cidadezinha do interior, também para fugir da fome e das confusões e guerras em uma cidade grande como São Petersburgo, a segunda cidade mais

importante da Rússia. Vitebsk tinha dois mil habitantes, e lá ele foi dar aula, mas, ao mesmo tempo, também começou a juntar ao redor de si um grupo de estudiosos para começar a pensar uma proposta diferente, filosófica; uma proposta para aproveitar aquele vigor que a Rússia estava vivendo naquele momento, com muitos intelectuais espalhados pela Rússia inteira, porque não dava para viver apenas na capital e em São Petersbugo; de modo que também as cidades pequenas respiravam muita vida intelectual. E ele fez aquilo que a maior parte dos intelectuais fazia, que era montar um grupo de estudo, grupo que é conhecido hoje como Círculo de Bakhtin. E eles naquele período do início dos anos 1920, começaram a estudar inicialmente uma proposta de Filosofia Moral, que é essa que eu vou discutir hoje com vocês. Em 1923 e 1924, começou a escrever um texto que não foi concluído, que é conhecido hoje como "*Para uma filosofia do Ato Responsável*". Esse texto ainda não está publicado aqui no Brasil, demorou a ser conhecido, e ele é o primeiro grande trabalho filosófico do Bakhtin, em que ele discute a questão ética; por isso vou buscar apoio nesse texto, para a gente discutir a primeira parte da conversa, que é o Discurso da Ética. Depois vou discutir uma segunda parte, procurando junção com essa, tratando da Ética do Discurso.

No texto "Para uma filosofia do Ato Responsável", Bakhtin envereda por três caminhos. O primeiro deles é pensar a ética como filosofia moral, que também é o que faz a escola de Frankfurt ainda hoje. É pensar a dimensão moral da vida. Falar em moral hoje, mesmo aqui no Brasil, parece uma coisa imoral. Falar em moral parece um palavrão na sociedade em que a gente vive. Pesquisa do Datafolha revela que os brasileiros se sentem cercados de corrupção por todos os lados. Então, falar em moral parece imoral. A palavra moral virou um palavrão. Então, uma questão é como podemos pensar a ética como uma filosofia moral. Filosofia moral não tem nada a ver com igreja; é um jeito não de comportamento, mas um jeito de ser; o *éthos* diz quem eu sou, quais são os compromissos que eu tenho, quais

são as responsabilidades que assumo, como eu vejo responsavelmente, como respondo à vida; essa é uma primeira questão. A segunda seria como posso pensar a ética como uma questão de linguagem. Eu dizia anteriormente que um linguista pode falar de ética; então vou ter que responder a esta pergunta: como é que posso pensar a ética como uma questão de linguagem? E uma terceira questão é, por outro viés, como pensar a linguagem como uma questão ética? Quer dizer, aqui podemos andar em pista dupla: pensar a ética como uma questão de linguagem e depois, pensar a própria linguagem como uma questão ética. Para pensar isso preciso responder a esta pergunta: como Bakhtin via essa questão da filosofia moral, e qual o seu objeto? Bakhtin pensava o objeto da filosofia moral como o ato de pensar. Aqui ele vai tomar a mesma água que passa na corrente da modernidade. Se a gente voltar um pouco para trás, vamos encontrar Descartes entrando nesse mesmo barco. Se a gente quiser pensar a vida, pensar a filosofia moral, pensar a ciência, pensar em qualquer coisa, é preciso partir do pensamento. Todos nós conhecemos aquela famosa frase do Descartes, "Eu penso, logo existo". Logo eu sou. O pensamento era constituidor; eu me constituo a mim mesmo; eu sou mais eu, independentemente dos outros. É um projeto arrogante, excludente. Rompeu aquela cadeia medieval de que Deus pensa por você, é verdade. Agora não tem mais isso. Agora é você que tem que pensar. Instaurou-se um novo sujeito, um sujeito que se constitui a si próprio, por si próprio: penso, logo existo. Tem um livro muito interessante, brincalhão, brinca com a modernidade, e eu sempre me lembro dele quando falo de Descartes; é aquele das aventuras do Barão de Münchausen. Em um momento do livro (também há um filme bem feito sobre ele), o Barão e seu cavalo caem em uma areia movediça e vão se atolando, até ficarem apenas com as fuças de fora. Não há onde se agarrar, nenhum cipó, nenhum capinzinho... Quanto mais se mexem mais se atolam. Então, ele se agarra pelos próprios cabelos, aperta bem as pernas ao redor do cavalo, e ambos saem do atoleiro, puxado pelos cabelos

do barão. Nesse atoleiro das possíveis epistemologias, eu saio por mim mesmo. Descartes ainda segue pensando em Deus e o criando; pensando na alma e a criando. Uns cem anos depois, chegou-se ao exagero dos exageros: "Se eu pensar numa ilha cheia de ouro, então ela também existe". E aí se chegou num exagero da racionalidade, como se meu pensamento conseguisse constituir a própria realidade do mundo. Álvaro Vieira Pinto, pensando sobre essa questão e apresentando uma perspectiva inteiramente marxista, vai dizer: "Nós precisamos contrapor a um projeto de 'Cogito, ergo sum', um projeto invertido: "Eu sou pensado e eu penso, logo existo". Não só penso, eu também sou pensado. Bakhtin vai dizer, "Eu sou pensado", e aí eu começo a pensar: inverta-se a questão. Essa constituição da própria identidade deve vir pela alteridade, deve vir pelo outro, e não por mim. Logo, esse "eu sou mais eu" tem que ser o outro dizendo para mim: "Você é melhor". Isso que talvez o mundo esteja dizendo para o Brasil: "Vocês podem estar num lugar mais elevado". Porque nós não notamos claramente que mudamos; os outros é que estão notando melhor que nós estamos mudando. Nas relações com os outros países, o lugar que nós estamos ocupando aparentemente é um lugar diferente, novo, e quem está dizendo isso são os outros, não somos nós. Nós somos pensados e não apenas pensamos. Então, esse projeto de colocar o pensamento como objeto não é um projeto que Bakhtin instaura; Descartes já tinha instaurado, mas Bakhtin instaura de outra forma. Não pensar em constituir a própria identidade, mas pensar como lugar da responsabilidade social. A construção da própria identidade vem pela alteridade. Volto a esse tema mais tarde, mas agora quero instaurar o pensar como um lugar pelo qual eu respondo. Pelo meu pensamento eu respondo. O que eu respondo afinal? Se penso, se pratico esse ato de pensar, eu respondo por quê? Bakhtin diz que, quando eu respondo, não respondo a uma necessidade lógica, não respondo a uma necessidade teorética. O teoricismo está mais na linha da impostura, e ainda volto a esse tema. Mas, quando começo a pensar, o ato de pensar atende a uma necessidade ética. Aqui

já estou encontrando essa primeira questão que Bakhtin coloca, que é como posso pensar a ética como uma filosofia moral? O próprio ato de pensar já atende a uma necessidade ética. Esse lugar onde estou, o lugar onde cada um de nós está, é um lugar único, irreproduzível, irrepetível, de onde apenas eu vejo o mundo, de onde apenas eu vejo os outros; nesse lugar eu necessito pensar. Essa palavra necessitar é importante. Eu tenho um "necessitamento", uma "necessitação" de pensar. Porque deste lugar onde eu estou, ninguém mais vai poder fazer isso por mim. Olha a questão ética posta aí. Estou num lugar em que só eu posso pensar aquilo que eu penso. O lugar em que estou agora, ou o lugar em que vocês estão agora, constrói um lugar singular. Vejam, eu tinha feito anteriormente uma proposta que era tentar juntar uma perspectiva abstrata, universalizante, a uma perspectiva de singularidade. Então, eu preciso, no decorrer da conversa, de ir chamando a atenção para isso. Há uma perspectiva ética que é abstrata? É possível. Mas ela só funciona se se der num lugar singular, num lugar que você ocupa, que é só seu. Logo, o ato de pensar, o ato de você pensar, só você pode fazer e mais ninguém. Essa é a primeira perspectiva que eu gostaria de levantar. Quer dizer, é uma perspectiva que defende que seu lugar não pode ser ocupado por uma outra pessoa; daí essa perspectiva da necessidade do ato de pensar. Você precisa pensar! Depois Bakhtin diz: "Somente o ato de pensar pode ser ético, pois é nele que o sujeito é convocado". Nenhum outro ato instaura a ética. Vejam que não estou usando a palavra ação. Bakhtin também foge dessa palavra; ação são os acontecimentos do cotidiano. Ele insiste no próprio ato de pensar. O ato de pensar, de construir um pensamento, de enunciar um pensamento como se fosse, ainda nesse primeiro momento, um discurso interior, seu, depois ele vai precisar se exteriorizar, ou ele não se completa. E para isso que o sujeito é convocado, é uma convocação. Não é algo que eu faço de forma fortuita. Eu sou obrigado a fazer, eu sou convocado a fazer, quem me convoca a fazer é outro. Vejam que aqui já está instaurada a figura do outro; não sou eu que me convoco.

Eu não me chamo a mim mesmo, o outro me chama, o outro me cobra esse pensamento. O outro me exige esse pensamento, para que eu mantenha com ele uma relação de alteridade. E nessa relação de alteridade, eu preciso ser eticamente; só o ato de pensar pode ser ético, pode exercer essa obrigação, essa ação responsável. Agora estou usando a ação responsável, que é o ato de pensar com o qual instauro a alteridade, a constituição de um outro diferente de mim. Essa é uma segunda perspectiva do ato enquanto ético. Ato de pensar é um ato que é responsável. Eu devo responder por ele, ele é assinado, tem a minha assinatura, tem a minha responsabilidade. Depois que assino, não posso mais escapar de responder por aquilo. O sujeito que pensa, diz Bakhtin, assume que pensa assim em face ante o outro. Não é para mim que penso; eu penso em face do outro; logo eu assino o meu pensamento. Ele tem a minha cara, ele tem a minha responsabilidade, ele tem o meu jeito, ele tem o meu éthos. Então, somente o ato de pensar pode ser ético. Aqui entro num conceito de Bakhtin que é a responsabilidade. E aqui dá para abrir a fala em duas perspectivas: de um lado, a responsabilidade como o lugar do ato responsável; de outro, a responsividade como ato exigido pelo outro. Aqui acho que tem algo que é muito bom; qualquer ato que eu esteja fazendo e qualquer ação que o ato de pensar demande, estou respondendo a uma outra pessoa; não respondo para mim mesmo. Vejam que, quando eu digo responder, eu estou respondendo ao outro; pode ser uma fala; o outro falou, eu respondo; pode ser uma ação que o outro está me cobrando. Isto é, qualquer ação minha ou qualquer ato de pensar é um ato responsável, e ao mesmo tempo, é um ato de responder. Está na mesma raiz. Eu respondo, eu estou sempre dizendo para o outro alguma coisa. Isso constitui um ato responsável. Respondibilidade e responsabilidade são duas faces de uma mesma moeda; eu sou responsável, e, ao mesmo tempo, estou respondendo. Uma quarta questão para a qual Bakhtin nos alerta, e é extremamente importante, é que o ato de pensar é um gesto ético no qual eu me revelo por inteiro; não dá para me esconder, aos pedaços; é um "arriscamento", e eu me

arrisco inteiro. Talvez a gente esteja vivendo num mundo em que parece que as pessoas não se arriscam. Mas o Bhaktin vai dizer que há uma exigência de "arriscamentos". Ele constrói um pensamento muito interessante, que diz assim: "Eu não tenho álibi, eu não tenho como me esconder, eu não posso me esconder. Eu me responsabilizo inteiramente pelo meu pensamento. Eu não tenho álibi para não pensar. Eu não tenho álibi para não responder. Eu não tenho álibi para não tomar posição". Não adianta você querer se esconder; é isso que ele está dizendo. A sua própria existência já é um ato ético; não se esconda, não tem como se esconder. Logo, ele nos provoca para que a gente assuma, para que a gente se revele, para que a gente se arrisque, para que faça um "arriscamento". Há uma "necessitação" de se arriscar. Um quinto ponto que ele aborda é que esse pensamento universal, que me colocaria numa perspectiva do ato universal, do pensamento abstrato, apenas é reconhecido quando ele existe de forma única para mim. Essa é uma discussão que a filosofia já faz há 2.300 anos – a existência da coisa em si, e que o começo do século 20 renovou com muita força e que chegou a Bakhtin. A existência da coisa em si e a existência da coisa para mim; a coisa em si existe como objeto, a coisa para mim existe como sujeito. Se já ponho naquele objeto a minha visão, o meu ponto de vista, o meu olhar, se já assino aquele objeto, o próprio Marx disse que essa ação humaniza tal objeto. E aquele objeto que singularizo como humanizado me humaniza e humaniza outros em troca. Vai se dando esse jogo dialético: o humano humanizando o mundo, aplicando a ele minha assinatura responsável, meus valores, meus pontos de vista, meus pensamentos, o jeito como eu vivo o mundo, como eu atribuo valores a ele, e o mundo se devolvendo humanizado, com a cara do humano, devolvendo humanização, me constituindo de volta. É o próprio mundo fazendo mediação, e sendo mediado. Então, à medida que eu me relaciono com esse universal individualizado, ele começa a existir para mim; estou garantindo a ele a existência, que é mais importante para mim que a essência. O mundo começa a existir. As coisas todas existem porque eticamente

eu atribuo a elas o meu ponto de vista, o meu olhar, as minhas ideias, o modo como eu vejo o mundo, como eu penso as coisas. Logo meu pensar transforma aquele pedaço do mundo, porque atribuo constitutivamente o meu ponto de vista a um objeto. Então, não só eu existo, como ele, o objeto, começa a ganhar existência a partir dessa relação, neste jogo social. Esta é uma sexta ideia: "Eu não penso sozinho". Meu pensamento já é uma resposta, logo todo o pensamento é social. Aquilo que a gente diz individual, o próprio individual é social. O individual não é algo que eu construo por mim mesmo. Só há o individual no jogo com o social, no jogo com o outro. Logo, não vamos pensar o individual como separado e independente dos outros. Isso não existe. Só posso ser eu no jogo com o outro, jamais sem o outro. Assim, a individualidade, ou o que penso, ou aquilo que atribuo, ou o valor, é social sempre.

Por que é que eu devo pensar um pensamento? Aqui tento encerrar esta primeira parte da conversa. O que Bakhtin diz, e talvez isso se aplique bastante hoje, é porque existe uma crise contemporânea. Isso ele dizia em 1924. Há uma crise contemporânea. Essa crise contemporânea só pode ser a crise do ato contemporâneo, o ato de pensar. Se existe uma crise, seu fundamento está na crise do ato de pensar. É o jeito como nós estamos pensando, os compromissos que estamos assumindo, que está em crise. Às vezes, a gente pensa que a crise é exterior a nós. Esse social somos nós; a crise é a crise do ato contemporâneo, de um ato de pensar que é atual. Hoje o sujeito ficou muito mais "quebrado", cada um de nós constrói a sua vida por si mesmo, num jogo fluido, diluído, na relação com os outros, com o resto do mundo, e certamente essa crise contemporânea é atual e também nossa. Precisamos definir o ato de pensar o hoje, o ato de pensar o agora, e definir quem somos, e que mundo a gente quer. Essas relações que existem entre o ato de pensar e o produto estão rompidas. Parece que a gente pensa para um lado e as ações saem para o outro lado. Estava pensando no que dizia a *Folha de S. Paulo* com relação à ética na política.

Algo como quase 20% das pessoas admitiam ter vendido o voto, mas, no entanto, muitas pessoas acham isso horroroso. A própria pesquisa dizia que 95% das pessoas acham isso horroroso. No entanto, 20% ou mais dos eleitores venderam o seu voto. A gente pensa uma coisa e faz outra. A gente é atraído por uma série de contravalores que impede que a gente viva aquilo que até admite como valor. Essa é uma crise do ato contemporâneo, porque eu penso para um lado e o produto sai para o outro. Eu me determino fazer algo, no entanto faço diferente. Parece até um pensamento cristão; são Paulo já dizia que as divisões estão dentro da gente, elas não estão apenas fora. Sou um homem dividido; quero fazer o bem e acabo fazendo o mal. E, às vezes, quero fazer o mal, e acabo fazendo o bem. Eu não dou conta de ser um sujeito unicista, unitário; tenho uma divisão dentro de mim. Cada um de nós é esse sujeito dividido. Mas é assim que é. Nós temos uma crise, e essa é a crise: penso para um lado e vou para o outro; o produto para um lado e o processo para o outro. A primeira exigência do porquê é que tenho que pensar, do porquê cada um de nós precisaria pensar, executar esse ato contemporâneo, responsável, assinado, arriscado. Um segundo ponto a dizer é que há uma divisão entre o sujeito e o pensamento. O sujeito para um lado e o pensamento para o outro. Esse processo subjetivo de realização não dá conta de ficar junto com o processo objetivo da ação. Há um vazio; a minha vida é de um jeito, o que eu faço é de outro jeito. Sujeito e pensamento; não consigo me realizar num evento único, e apenas me realizo em vários eventos. Isso faz com que o próprio ato seja um ato "quebrado". Um terceiro ponto de que eu também gosto muito nesse jogo da singularidade é que existe uma crise laica, certamente do viver responsável. Parece que esse ato de pensar, que é uma atividade da própria consciência, daquilo que faz com que eu seja eu mesmo, é uma atividade que tem que ser moralmente válida, responsável; isso parece "quebrado", pois o ato responsável, o ato de viver ético, o ato de viver assumindo, está em crise, e não tenho coragem de viver responsavelmente. Ou não me arrisco, ou não quero

que os outros saibam o que eu penso. Tento ignorar o que vai acontecendo no mundo; pretendo não tomar partido; quero não dizer como eu vejo o mundo; no entanto, sou impossibilitado de não dizer; mas eu disfarço, eu crio vários disfarces. Aqui quero lembrar novamente: não tenho álibi, e, no entanto, as pessoas tentam criar álibis, tentam se esconder. O ato de pensar responsável é um movimento da consciência. Logo, não há a possibilidade de decisões definitivas. A sociedade vai mudando, eu a faço mudar, ela me muda, eu a mudo novamente; é um movimento. Toda hora minha consciência está se alargando para receber outras consciências que também estão executando seus atos. Agora sou eu que estou aqui falando em voz alta, mas todos nós estamos falando, pensando. Há um processo de alargamento das nossas consciências, são atos responsáveis sendo executados por todos nós. Logo, o que a gente precisa, em algum momento, é ter a possibilidade e a oportunidade de transformar esses atos responsáveis em possibilidades de realidade. Há um processo de futuro em direção ao qual a gente caminha. Preciso responder para ir criando um mundo que vai sendo gerado no meu próprio ato de pensar, e esse ato não é algo que emana do próprio indivíduo, mas emana do ato social, ele vem dos jogos de relações que se instauram na sociedade.

Uma quarta possibilidade é que há uma crise, uma crise expressa, do "necessitamento" de pensar. Parece que a gente não tem mais necessidade de pensar, outros pensam por nós. A gente vive hoje em uma sociedade em que parece que é preciso que as pessoas se calem, até que emudeçam o seu pensar, a sua consciência, para ouvir as vozes que falam por nós, no nosso lugar, nos jornais, na televisão, na internet, as vozes dos professores, dos deputados, dos pais, sei lá quem mais. Eles falam, e a gente só ouve. Depois quero insistir muito que, quando alguém fala, também ouve, quando alguém ouve, também fala. Não há esse ato solto de um falando e o outro ouvindo, como atos estanques, de modo que a gente possa em algum momento calar a nossa consciência. Esse calar o pensar é impossível, não existe,

e nós temos necessidade de pensar. Por mais que haja uma crise, que parece querer proibir a gente de pensar – "deixa que eu penso por ti", "deixa que eu decido por ti", "deixa que eu enuncio o mundo para ti", deixa que eu digo como o mundo é" – todos nós precisamos fazer um ato de resistência para dizer: "camarada, pode deixar que eu quero pensar; eu não posso deixar de pensar; eu quero fazer a minha parte; faça a sua que eu faço a minha". Eu não quero que ninguém me cale, que esconda o meu próprio pensamento. Então, se há uma crise da necessidade da ação de pensar, nós precisamos nos opor a esse jogo que quer fazer as pessoas pararem de pensar, de tomar posição, de serem responsáveis e assinarem os seus atos.

Finalmente, há uma crise da ausência do outro. Bakhtin fala bastante dessa relação da alteridade como construção da identidade. Somente do lugar onde eu estou é possível ver o outro. Daí, a necessidade de precisar ocupar o lugar e não fugir dele, de não encontrar álibi para deixar esse lugar vazio, não deixar outro querer ocupar o meu lugar, mesmo que seja impossível; mas os dominantes fazem esse jogo, constroem o sentido de que podem ocupar o meu lugar, até o meu lugar de pensar. Não somente do meu lugar é que eu consigo ver o outro. Também se pode inverter esse jogo. Para o outro, o outro sou eu; eu sou o outro para você. Logo, se há uma crise da ausência do outro, nós precisamos instaurar o outro, eu exijo o outro, eu preciso do outro. Este mundo que apaga o outro, em que eu sou mais eu e não preciso de ninguém, este mundo que instaura essa crise da ausência do outro, este mundo precisa ser superado e o outro ser instaurado, porque senão também não tenho o meu lugar. Para que eu tenha o meu lugar, eu preciso que você tenha o seu lugar. O eu só funciona, só existe, só se posiciona diante do outro; se não tenho o outro, não tenho o eu. Preciso do outro para me construir a mim mesmo. Devo exigir o outro como diferente. Vou colocar essa palavra aqui para a gente não pensar que o outro é um igual a mim. O outro é um diferente. Eu preciso me colocar diante do outro como diferente. Eu não posso me

colocar diante do outro como um igual a ele. Às vezes, muita gente aceita ou exige que a nossa ideia ou a ideia do outro seja apenas uma réplica. Ideias xerocopiadas, replicadas, não servem para nada. Que ganho eu tenho em replicar a minha ideia na sua cabeça, impedindo o seu ato de pensar? Eu não ganho nada com isso, a não ser dominar você. Temos ganhos se consigo fazer que a minha fala aflore a sua fala diferente da minha, e se pela sua fala você consegue exigir o meu posicionamento diferente do seu. Então ganhamos nós, pois teremos dois pensares, dois pontos de vista, duas singularidades. Logo, essa crise da ausência do outro precisa ser resolvida, e preciso do outro diferente, eu não tenho que me esforçar para construir o outro como igual; o outro é o outro. Diferente, não desigual! Eu não posso me esquecer do outro, eu preciso exigir a existência do outro postado diante de mim, é ele que garante a minha própria existência e, consequentemente, o meu próprio pensar. Logo, aqui a gente começa a ver algo extremamente importante: tudo é resultado da relação. O próprio jogo ético, é um jogo relacional, ele não é um jogo que tem em vista o absoluto. Há necessidade de exigir a visão ética que um passa para o outro como sendo de singulares, e não de lugares universais. Logo, eu preciso exigir o outro no seu lugar individual, singular, um lugar que é só dele, assim como um lugar que é só meu. É dessa relação que a gente consegue instaurar a responsabilidade do ato ético. Se não tiver relação, eu vou me constituir como deus absoluto, respondendo por tudo, "eu sou, logo eu existo", "eu penso, logo eu sou", "eu sou mais eu e não preciso de mais ninguém". Isso só deus poderia dizer: nós outros precisamos instaurar relações, que nos constituem. Isso é forte e necessário: preciso ter relações, interações. A interação é uma atividade que busca completar os interagentes.

Para finalizar essa primeira parte, preciso dizer que Bakhtin nos chama a atenção para as possibilidades de imposturas, isto é, de a gente poder fazer o oposto de tudo isso. Ele vai dizer, "eu posso produzir uma impostura primeiro a partir do egoísmo". Se eu falo bastante em mim, eu para mim

mesmo, há uma possibilidade de um escorregamento para o egoísmo, de pensar somente em mim mesmo. O egoísmo é cada um viver para si, e o diabo para todo o mundo, o que às vezes parece ser uma lei bem contemporânea, isto é, eu quero as coisas boas só para mim, e tomara que as desgraças todas só venham para os outros. Isso colocaria a gente num lugar de impostura ética. Há um jeito de eu ser impostor eticamente, querer tudo só para mim, ou achar que eu vou me constituir a mim mesmo, ou achar que o meu pensamento é o padrão, meu pensamento, meu ato de pensar, meu jeito de ser, meu lugar ético é o padrão para todos. Tanto isso nos levaria de volta a Kant como me colocaria como impostor, pois sou a regra do universalismo. O jeito como penso, como vivo, é o único caminho possível de existência de vida para todo o mundo; isso é uma impostura e contra isso nós precisamos nos opor a toda a hora. Todo o que quiser calar a minha enunciação, não aceitar o meu ponto de vista, não aceitar o meu ato de pensar, não aceitar o meu ato assinado, arriscado por mim, esse sujeito está se comportando egoisticamente, devendo ser brecado pelo meu próprio ato ético, pelo meu jeito de ser, pela minha enunciação, pelo meu anúncio de mundo, porque senão vou estar permitindo uma impostura.

O segundo ponto que Bakhtin vai abordar é sobre o pragmatismo e o tecnicismo. O pragmatismo é essa visão muito pragmática, que vê apenas o ato prático. O próprio teoreticismo, esse outro tipo de comportamento, vai produzir como resultado um apagamento da vida. E se produz um apagamento da vida, produz um apagamento do meu jeito de ser, do meu agir cotidiano, do meu singular.

Uma terceira possibilidade que poderia acontecer, uma terceira impostura, nessa mesma perspectiva do ato ético, é o apagamento do sujeito. E, hoje, este mundo de globalização parece que tudo é maior do que nós, o mundo é muito grande, sete bilhões de pessoas, quem sou eu? Parece que há um esforço para haver um apagamento do sujeito e isso é um lugar de impostura ética, como se de novo a gente tivesse algo que é universal, que é maior que todos, e esse maior

que todos é que tem que gerar os caminhos, as opções, os andares, as escolhas que cada um de nós faz. Você tem que fazer as suas escolhas, você tem que se constituir como sujeito, não tem como você escapar disso, não tem como fugir disso. Aceitar que o sujeito se apague em nome de algo maior do que ele é aceitar uma impostura ética, que vai colocar o sujeito em um lugar onde eu não sou eu. E um lugar onde eu não sou eu não pode ser um lugar bom para mim. Posso agora responder a uma segunda questão, que Bakhtin faz, e que eu levantei no começo desta fala, e que nos leva a pensar a questão ética como uma questão de linguagem. Bakhtin vai colocar a vida numa relação intensa com o outro, mas também com o mundo. A pergunta que era precisa ser feita inicialmente é: como é que o mundo então entra na minha cabeça para que eu possa pensá-lo? Afinal, é sobre o mundo que eu tenho que pensar. O ato de pensar sobre o mundo é pensar sobre os fatos. Como é que o mundo entra na minha cabeça? Eu brinco às vezes dizendo que, quando era moleque, era muito danado. E minha mãe dizia que eu não entendia direito o que ela queria; e fazia o contrário; e ela então dizia que era preciso abrir a minha cabeça com um machado para ver se conseguia colocar algo dentro da minha cabeça. Colocar o mundo dentro da cabeça desse jeito não funciona; no máximo, eu iria pegar uma infecção. O mundo não pode entrar na cabeça de quem quer que seja desse jeito. Os linguistas têm um caminho para colocar o mundo dentro da cabeça, que é transformando o mundo em signo, significando o mundo. Esse é um caminho para a gente começar a pensar. Como tenho que pensar o mundo, preciso dar sentido ao mundo, colocar o mundo dentro da minha cabeça, para, ao mesmo tempo, relacionar- me com ele e ele se relacionar comigo? Então, é preciso significar tudo que existe no mundo e com o que entramos em contato. Isso é transformar os objetos que estão aí, como objetos para si, em objetos para mim. Esse é o caminho: transformando-os em signo. Como isso é feito? Bakhtin indica três possibilidades para que isso aconteça. A primeira é pegar objetos materiais do mundo. Os meus pensamentos são materiais. Bakhtin é um marxista e,

para ele, o mundo é material. Não preciso criar um mundo idealista dentro da minha cabeça; preciso é construir um mundo materialista, porque o mundo é material. Então, pegar uma matéria, um pedaço do mundo. Segundo, eu preciso pegar uma materialidade socio-histórica, o próprio viver da sociedade, o jeito como a gente viveu, o jeito como nós nos relacionamos hoje, as visões e os sentidos que vêm pela história e, também, as nossas relações sociais hoje, elas também começam a fazer parte daquele pedaço do mundo. E uma terceira necessidade impõe a exigência, e veja o jogo ético já começando a aparecer nesse jogo da signicidade, de pegar o meu ponto de vista, o jeito como eu vejo o mundo, e pregar naquele objeto. Vamos tomar um caso bem concreto para a gente poder pensar juntos, algo mineiro. Vamos pegar a camisa do Cruzeiro ou a camisa do Atlético. É um objeto material, uma camisa de futebol. Tem uma história, tem 100 anos de história em cima delas, tem uma historia de luta, de glória, mas também de rivalidade, um time com e contra o outro, e ainda tem pontos de vista das pessoas sobre esses objetos. Digamos, assim, para um cruzeirense, a camisa do Cruzeiro é tudo, é Deus, é "salve, salve, pendão da minha pátria". Mas, para um atleticano, para um "galo", quando ele vê a camisa do Cruzeiro, aquilo para ele é pano de chão. O contrário também é verdadeiro para um atleticano, a sua camisa é tudo. Mas, para um cruzeirense, que olha para a camisa de um atleticano, aquela camisa é pano de chão, e olhe lá, às vezes, nem para pano de chão serve, dizem os adversários. Logo, os objetos do mundo são objetos, têm toda a história que foi sendo construída sobre eles, mas têm o ponto de vista das pessoas; esse é o ato de pensar. Quando eu jogo o meu olhar sobre os objetos, sobre os acontecimentos, sobre os eventos e sobre os fatos se dando, que também são objetos materiais, são acontecimentos socio-históricos, eu tenho o meu ponto de vista, eu atribuo valor, eu valoro aquele objeto; e, se eu valoro aquele objeto, eu estou colocando-o numa escala de valor. Para o cruzeirense, a camisa do Cruzeiro vale nota cem; para um atleticano, a camisa do Cruzeiro vale nota zero, ou até abaixo de zero. A camisa é a mesma em si,

mas os olhares são diversos, e é isso o que constitui os objetos do mundo, são transformados em signos. E é aí que está o nosso ato responsável. Essa exigência de você olhar para o mundo e dizer como vê o mundo. Eis a ética na linguagem, nós fazemos isso pela linguagem; dizemos a toda hora que isso é bom, isso não presta, eu gosto disso, este acontecimento foi uma vitória, ou foi uma derrota; o Brasil está virando um país grande; tem corrupção na política; todo o brasileiro gosta de levar vantagem; nós vamos dizendo isso discursivamente e em nosso discurso não estamos proferindo palavras, vai dizer o Bakhtin: estamos dizendo algo bom ou algo ruim, verdades, mentiras, algo que anima, algo que desanima, algo que me leva para a frente, algo que me puxa para trás. Até agora não viram sair uma palavra da minha boca, porque não são palavras que nós falamos, nós pronunciamos a vida. É algo que nos fazem pensar ou não, com que a gente concorda ou não; não são palavras, é vida, é posicionamento, é jeito de olhar o mundo. Do meu lugar, único, singular, eu digo para vocês como eu vejo tudo. Logo, se eu atribuo valor a algo, quando eu olho para o mundo, meu jeito de olhar, a minha enunciação, aquela palavra que eu uso, eu não ponho para fora apenas uma palavra; eu ponho para fora um signo carregado de ideologia, do meu jeito de ver o mundo, com as minhas ideias, com os meus pontos de vista, com as minhas assinaturas; isso é a minha ética aparecendo no meu discurso. E isso está se dando agora, ao tempo em que estou aqui falando e tu estás também aí falando. Um balança a cabeça concordando, outro pensa diferente. Aqui nós somos uma comunidade de falantes. Logo, não enuncio o mundo sozinho; você concorda comigo ou discorda, você está refutando o que eu estou dizendo ou não, está pensando algo diferente ou não. Isso que está circulando entre a gente, essa linguagem que está circulando, ela é uma atividade, ela é um acontecimento, ela é um discurso que está exigindo de mim e, de cada um de nós, posições éticas. Você se manifesta favoravelmente ou desfavoravelmente a isso que eu estou dizendo. Logo, no nosso próprio discurso, na nossa própria fala, naquilo que a gente diz, a ética e o jeito de ser, o meu

jeito de olhar o mundo e a minha posição sobre o mundo, as minhas assinaturas, elas aparecem. Às vezes, elas podem aparecer até na fala. Aliás, eu devo dizer que elas aparecem na fala. Eu posso dizer no léxico que escolho, nos substantivos, nos adjetivos; "Puxa, esse acontecimento é fabuloso". "Termos ganhado a Olimpíada é sensacional!" As palavras que eu escolho dizem sobre como eu vejo o mundo. A minha própria entonação; o valor da entonação. A entonação é própria de cada um de nós, é o jeito como entonamos, o jeito como dizemos a palavra, a emoção que passamos no que estamos dizendo. Esse é o nosso discurso ético, essa é a presença da ética no discurso, nas palavras. Eu não posso fazer as minhas palavras saírem da minha boca de forma neutra para os seus ouvidos, como se elas, em primeiro lugar, não me levassem junto. Segundo, levam o jeito como eu olho o mundo. Eu, pelas palavras que escolho, pela entonação que vou dando, eu vou junto com as minhas palavras. Eu poderia concluir dizendo: fala, e eu vou dizer quem tu és. Falar é se botar para fora. Eu não tenho como saber o que está na sua cabeça, a não ser que você diga. Aquilo que você é, o que você pensa, o ato de pensar, ele tem que ser dito. Você tem que dizer, você vai usar signos para isso, eu estou dizendo as palavras privilegiadamente, mas pode ser música, pode ser pintura, pode ser um comportamento, pode ser dar um pulo na areia, "ahuu!', pode ser um grito qualquer. Pôr-se para fora, significar para o outro. Discursar, para aproveitar o título desta fala; isso é grudar a ética no próprio discurso, não tem como separar. Quando eu me posto sobre um determinado lugar, me coloco diante de você e me enuncio, eu estou dizendo para você como eu vejo o mundo e, ao mesmo tempo, eu estou cobrando de você que diga como você vê o mundo. Isso é um jogo ético, essa é a relação que discursivamente nos constrói. Porque, aliás, como nós seríamos construídos? Como o eu se constitui? Porque o outro, já a partir de nosso nascimento, começa a interagir conosco se servindo dos signos e os reconstituindo nessa relação; e numa hora qualquer, no começo da nossa existência, isso desperta a nossa consciência e, então, ela começa a responder choran-

do, sorrindo, significando, até que chega a esse ponto em que conseguimos constituir as palavras, as emoções, os gestos, o nosso próprio corpo, o nosso próprio rosto, o jeito como movimentamos os braços, como nos passamos para os outros. Nisso tudo cada um de nós foi se constituindo nas relações com as outras pessoas. Quer dizer, a minha própria consciência, eu mesmo, não é resultado da gratuidade, de um dom gratuito, divino, que colocou o eu já existindo dentro de mim mesmo. O outro fez surgir o eu dentro de mim. E fez surgir o eu dentro de mim pela interação semiótica, pela fala, pelo diálogo, pelas conversas, por colocar na relação comigo o seu jeito de olhar o mundo. E eu fui constituindo-me, ao mesmo tempo que fui constituindo você, fui constituindo o outro.

Isso que Bakhtin diz, então: eu não posso, em nome do ato responsável, desse jogo ético discursivo, ser um sujeito mudo, eu preciso ser um sujeito falante, é isso que me constitui. O sujeito, o eu, você, o outro, nós somos sujeitos que falamos, que construímos textos, que nos relacionamos positivamente com o outro e com o mundo, dizendo, enunciando, discursando quem nós somos, como nos vemos. O discurso é mediação. Esse é o projeto que Bakhtin instaurou, a partir não só desse seu trabalho, mas também de vários outros; por exemplo, no fantástico livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ele também instaurou esse projeto da fundamental importância da linguagem. O que está no meio dessa constituição do eu e do você, do outro e do eu, é a linguagem. Sem a linguagem nós não nos constituiríamos. Nós não seríamos. Então, se há uma ética no discurso, é porque, quando a linguagem passa entre um e outro, o que a gente está passando não são palavras, mas é eu mesmo. E, quando isso se dá, eu sou o construtor do outro. O outro é também o meu próprio construtor, ele me constrói; logo eu não posso me fechar. O discurso é a ponte, essa ponte é o lugar do encontro ético entre mim e o outro. A minha própria identidade, digo voltando para essa questão, agora não mais no lugar da ética, mas no lugar do discurso, é construída pela fala do

outro; você é quem vai dizer quem eu sou. O seu olhar vai dizer quem eu sou. Eu vou saber quem eu sou me vendo nos seus olhos e não nos meus, porque nos meus olhos quem está é você. A alteridade é que vai eticamente nos construir. Logo as interações são absolutamente obrigatórias, elas são necessárias, a voz do outro precisa aparecer na minha própria voz. Isso é o que preciso ser dito.

Que compromissos eu gostaria que a gente pudesse pensar com base nesta fala? Quatro compromissos eu gostaria de levantar. Primeiro, se a gente quiser continuar pensando que o ato de pensar é que me constitui, e o ato de pensar é que me põe diante do mundo como construtor do mundo do outro, eu deveria assumir um primeiro compromisso, que é não fugir do pensar. Eu não posso fugir do pensar. Eu não tenho nenhum álibi para isso. Esse é o lugar da minha responsabilidade, é o lugar onde eu me constituo. Então, não fugir do pensar. Um segundo compromisso que eu gostaria que a gente pudesse também assumir é: devo insistir na construção da identidade, da minha e da identidade do outro, a partir da alteridade. Nós estamos precisando começar no mundo a pensar pelo outro, exigir o outro, exigir a presença do outro como diferente, colocar- me diante do outro como diferente; eu só deveria pensar a identidade, quem eu sou, a partir do outro, não a partir de mim; eu sou uma péssima fonte de informação de mim mesmo. Agora, eu sou uma excelente fonte de informação para dizer quem é você. Então, nós deveríamos ampliar laços, canais, caminhos de construção de alteridade, relações; parece que estamos perdendo muito isso. Uma terceira questão que também gostaria de colocar para que a gente também pensasse um pouco mais é que nós devemos alargar mais o valor do cotidiano, da singularidade, daquele ato único, daquele gesto que só você pode fazer, daquele acontecimento no mundo no qual só você pode ser o protagonista; e entender que mais ninguém pode publicizar aquela enunciação, aquele dizer; que, se você não disser, ninguém mais vai dizer. Então, garantir a importância da sua enunciação ética no cotidiano, naquele lugar simples da

vida simples de cada um. Às vezes, a gente pensa que tem que fazer apenas grandes gestos; os pequenos gestos são tão construtores quanto os grandes gestos: o cotidiano, aquele encontro fortuito, aquela conversa rápida com o outro, onde quer que esteja, no corredor, na praça, em casa, no ponto de ônibus, aquele olhar fortuito, aquele lugar do encontro absolutamente gratuito, rápido, esse lugar do cotidiano é o lugar do nascedouro da alteridade, é o lugar que constrói a própria ideologia, é o lugar em que o ponto de vista vai se instaurando. Não são apenas os grandes eventos que vão instaurar nosso ponto de vista. Ele vai se instaurar é no cotidiano. Dê valor ao cotidiano. Preste atenção nas falas do cotidiano, naquilo que você diz no dia a dia; isso é importante para constituir a ética; isso é o que é. Finalmente, uma quarta exigência que eu deixaria para a gente pensar é que ao lado da razão, do elemento racional, teorético, que a gente paute a nossa vida, esse lugar ético da existência, o discurso sobre a ética e também a ética sobre o discurso, com um viver de paixão. Que a gente junte razão e paixão, isso é vida; que a gente possa viver o dia a dia com força, com vontade, com tesão; que os outros sintam nosso olhar, nossa postura, nosso comportamento, como o jeito de ser de alguém que gosta da vida. Isso, certamente, vai instaurando cadeias de gostar da vida, séries intermináveis de comunicações sobre gostar da vida em que todos nós nos animaremos mais, e aí, então, sim, eu acho que viver vai ser um acontecimento mais leve, mais gostoso, mais prazeroso; certamente, então a gente vai gostar mais de estar com o outro, vai gostar mais de ver e assimilar a diferença, vai gostar mais também de sonhar com o outro, sonhos do futuro, as memórias do futuro, construir um mundo diferente que todos nós sonhamos, responder ao outro, ser responsável pelo outro. Então, não apenas viver uma vida de razão, mas também juntar essa vida com uma paixão muito intensa. Acho que isso deve inserir a gente num outro lugar.

PERGUNTA – Quanto a esse movimento da gente de muitas vezes agir por procuração, eu penso que quando nós simplesmente nos omitimos diante de uma determinada questão e deixamos de nos posicionar, estamos nos posicionando de certa forma por procuração, ou seja, deixando para o governo. Ficamos numa postura cômoda, porque o problema está lá, está com o governo, de ele ter tomado uma decisão equivocada. Fico pensando se esse movimento tem relação direta com a questão da falta, porque eu penso que se apropriar da condição de sujeito demanda a gente se reconhecer como sujeito faltoso também. Ou seja, ao se posicionar, ao se mostrar, a gente está se arriscando, e ao se arriscar a gente vai se mostrando, naquilo que a gente acerta e naquilo que a gente erra, o que fica mais transparente, não é? Fico pensando se essa dificuldade de se apropriar da condição de sujeito, e com isso reconhecer a nossa condição de ser de falta, tem uma relação direta com a questão de passar essa procuração, de nos omitirmos diante de questões que nos afetam em diversas áreas, em termos sociais e políticos.

RESPOSTA – Muito interessante o que você levantou. Isso nos leva para o campo político. Achamos que estamos sendo representados pelos outros. A nossa própria democracia tem isso, tem de ser representativa e não participativa. Isso já deve ter sido falado aqui, eu não preciso aprofundar mais, eu passo para o outro uma procuração com poderes para que ele fale no meu lugar, aja no meu lugar. Então, o mesmo problema é quando isso vem para o cotidiano, vou tirar do lugar político e voltar para o cotidiano. No dia a dia a gente acaba fazendo isso também. O patrão pensa por mim, o meu chefe pensa por mim, minha mulher, meu marido pensa por mim, meus pais pensam por mim, e eu vou me escusando de pensar, que é, como "tu" mesmo disse, o pior jeito de pensar. Porque eu penso, só que eu penso abrindo mão desse

pensar. Certamente isso não faz as pessoas mais felizes. E as diversidades, que poderiam construir uma sociedade mais plural, mais diferente, mais cheia de energia, ficam também tapadas, sacrificadas nessa postura de "faça por mim", "aja no meu lugar" "pense por mim". Isso teria a ver com um certo jeito cultural que nós temos? Às vezes a gente vê que em um outro lugar o povo tem outro tipo de participação, mais ativa, mais acesa, ou mesmo no Brasil, em alguns momentos políticos a gente já foi mais aceso, nós já vivemos isso aqui, e a maior parte de nós, provavelmente no período da ditadura militar, era mais aceso, mais ativo, ia à rua, não tinha medo nem de apanhar de polícia. Eu mesmo, não sou tão velho, mas isso é do meu tempo, precisei fugir da polícia em vários lugares, e esse era o prato de todo o dia, era muito gostoso estar com um tesão muito grande. Parece que entramos num outro mundo de comodismo, não sabemos se melhor ou pior do que aquele da luta. Mas, certamente, você diz um lugar onde o sujeito é menos constituído como ativo, onde ele tem que responder menos. A própria escolarização certamente está construindo um sujeito que não fala, não escreve, um sujeito que não se diz. Falar publicamente hoje parece um pecado, parece um crime, quase ninguém dá conta de usar a fala pública; no máximo, a gente fala privadamente. Então, aquela meia dúzia que dá conta de usar a fala pública domina todos os lugares públicos do País, o que é horrível, porque um monte de gente deixa de fazer isso, falar em rádio, falar em televisão. Se botar uma câmera na frente da gente, da nossa bochecha parece que vai sair o sangue todo, porque nessas horas a gente se amofina, porque a gente não está preparado para isso. Talvez o que você esteja dizendo é que a gente não está se preparando para viver uma vida diante do outro, defronte do outro, num embate, trocando ideias com ele. Hoje parece que basta dizer assim, "Vamos trocar uma ideia", e o cara diz, "Não posso, hoje estou sem nenhuma". Porque o normal é ele não ter nenhuma! Eu não quero enunciar as coisas, eu não quero dizer como eu estou vendo, esse é o risco que Bakhtin diz, essa é a

chance da impostura. A maior impostura seria eu me anular como sujeito, eu me anular como outro de você. Quem sai perdendo é você. Acho que todos nós deveríamos aprender a construir esse esforço para cobrar do outro que ele seja o outro de mim. Eu perco se ele não for o outro, eu deixo de ganhar, eu fico com o mundo mais cinzento, mais igual, menos colorido, menos diferente, menos bonito. Quanto mais ideias mais bonito, e às vezes nós nos anulamos, quando deveríamos fazer o movimento contrário. Então, acho que a luta de Bakhtin é contra os autoritários, é contra aqueles que querem construir a impostura do silêncio, é contra aqueles que querem sempre calar o outro. Ele sabia o que estava fazendo, porque viveu sob regimes fortes, sob Lenin, sob Stalin. Ele sobreviveu por conta de uma osteomielite. Stalin deve ter dito: "Ele vai morrer com essa doença na perna", e por isso nem o mandou para a Sibéria, mandou-o para o Casaquistão, para uma cidade cheia de vento, mas ao menos ele não morreu; se fosse para a Sibéria, com a osteomielite, teria morrido. Ele é um resistente, e acho que a gente deve usá-lo não para tentar explicar a modernidade, mas para resistir em cima dessa modernidade que quer apagar o sujeito. O que Bakhtin propõe é "Vamos resistir, não vamos deixar apagar. Cada um tem que falar, não tem que um falar por todos, não tem que um ser representante de todos, nós todos precisamos de participar." Acho que é uma mensagem de resistência mais do que uma explicação. Quer dizer, se a gente for usar Bakhtin para alguma coisa é no sentido de "vamos resistir", a gente precisa se colocar como sujeito.

PERGUNTA – O senhor acha que ainda pode haver um discurso ético que ressuscite esse poder, por exemplo, de senso crítico do povo com relação a essa indiferença, essa apatia? O que está valendo aqui é a lei do murici, é cada um por si, e que cada um cuide de si. Então, é uma expectativa e a gente fica pensando: os movimentos sociais, hoje, não têm mais capacidade de articulação. Quando surge um movimento, como, por exemplo, o grito dos excluídos no Sete de Setembro, foi uma meia dúzia de gatos pingados,

e o povo está sem capacidade de mobilização. Eu acho que não existe esse discurso unificador que possa fazer o povo voltar a sonhar, a pensar, é isso que está ausente na realidade.

RESPOSTA – Acho que você está levantando um aspecto interessante, que é o de que nos faltam os sonhos, talvez. Nem precisaria de serem sonhos unificados, podem ser sonhos diversificados, não precisa ser um só, podem ser vários. A gente não precisa ter um sonho único, de um futuro único. Talvez agora a gente esteja embevecido com o fato de estar parecendo que a gente vai virar um país do Primeiro Mundo, está começando um discurso positivista entre todos nós de que agora nós vamos nos tornar um povo grande, todo mundo vai olhar para nós, nós não somos mais "vira-lata", agora nós crescemos, nós viramos um buldogue grande. As pulgas também devem crescer bastante, porque pulga de cachorro pequeno é pequena, pulga de cachorro grande deve ser grande. Então, há uma euforia nacional que já vem de vários anos para cá, nem começou com Lula, já é coisa mais antiga, de que a gente está crescendo. Talvez os movimentos sociais tenham ido para baixo, não têm mais um alvo para atirar, não têm mais uma memória de futuro, não têm mais um sonho. Os movimentos de trabalhadores, os próprios trabalhadores; hoje parece que a sua grande luta é para garantir o emprego, se estiver empregado já é bom, porque a sociedade está numa mudança muito grande, a gente está passando de uma sociedade industrial, cujo lugar de trabalho era a fábrica, para um outro tipo de sociedade, em que a fábrica não é mais o grande empregador. Hoje, os empregos mais tecnologizados, com valor agregado maior, é que são os empregos que mais ocupam as pessoas; fica mais difícil organizar, então, garantir o emprego já é bom, há uma troca. Estou vendo agora aí os bancários numa luta insana, quase dá para dizer isso; não só para garantir seus empregos, porque as máquinas estão tomando conta. Os bancários estão parados, mas a gente vai ali em qualquer máquina e continua sacando dinheiro, pagando conta e tal, hoje eu até estava dizendo que eles deveriam voltar para o serviço,

porque a gente vai descobrir que não precisa deles. Porque a gente está numa sociedade que substitui tudo. Eu me lembro de umas velhinhas lá na Dinamarca, uns seis anos atrás, elas também no banco eram atendidas pelas máquinas, e elas começaram uma guerra, porque não queriam mais ser atendidas por máquinas. Elas queriam aqueles moços bonitos no caixa, elas queriam pagar as contas com aqueles rapazes lindos, não para os caixas eletrônicos. Talvez daqui a pouco nós também venhamos a ter lutas como essas: não, nós não queremos ser atendidos por máquinas, nós queremos ser atendidos por gente, que cumprimente a gente, que também nos xinguem quando estiverem porventura bravos, nervosos, que sejam grosseiros com a gente, porque a máquina nem diz bom-dia, nem é grosseira, mas também não é agradável nem nada. Então acho que nós estamos num outro tipo de sociedade, de vários anos para cá. A própria igreja, que teve uma tarefa muito grande nesse período que eu estava lembrando, dos movimentos sociais, a igreja comprometida com as periferias, com os movimentos de massa, hoje nós temos uma outra igreja, que canta para o espírito santo e tal, mas se esquece da fome, da desgraça. Tivemos um crescimento também das outras igrejas que não estão fortemente inseridas nos movimentos sociais, acho que a gente está num outro mundo. Esse outro mundo talvez esteja levando as pessoas a se acomodarem, a aceitar que Deus de novo vai resolver muita coisa por nós, o Lula vai resolver bastante coisa para a gente, os Estados Unidos foram à bancarrota, e quem sabe os nossos sonhos também estejam ficando sonhos muito pequenininhos. Vou me aproveitar dessa parte da sua fala, talvez o que nós devêssemos, quem sabe, começar a atiçar de novo entre nós, é: me diga qual é o teu sonho, qual é o teu sonho de país, qual é o teu sonho de a gente, de pessoa, até onde tu queres chegar, até onde é que tu tens força para ir, até onde tu queres te responsabilizar para a gente poder ir, e não depender de outros que nos levem, sei lá, para lugares diferentes, isso geraria novos movimentos, diferentes movimentos. Talvez a gente esteja pensando naqueles movimentos dos anos 60, 70,

aqueles não cabem mais. Está na hora da gente criar outros movimentos, ouvir mais a rapaziada e instigá-los a também dizerem quais são os seus sonhos, que eles também não fiquem sem sonho nenhum, achando que o grande sonho da vida deles é ir à balada sete noites por semana. Isso é pouco, um sonho desse tamanho é muito pequenininho, é preciso instaurar outros sonhos. Então, eu vou me agarrar a isso, talvez a grande impostura que está acontecendo eticamente é terem matado os nossos sonhos, hoje a gente não está conseguindo nem enunciar quais são eles, nem discursar sobre eles, nem dizer quais são. Se eu tivesse de dizer quais são os meus sonhos talvez eu também ficasse aqui um pouco atrapalhado. Acho que é em parte isso, que a gente volte a pensar sobre os nossos sonhos. Bakhtin dizia: "Olhar para as memórias do passado é uma perspectiva, mas é preciso construir memórias de futuro". Isso é o que está faltando talvez para nós: quais são as responsabilidades que a gente quer assumir para o futuro? Quais são as memórias que temos do futuro? Elas é que vão mover a gente, e não o passado; é o futuro que nos move, talvez seja isso que esteja faltando.

PERGUNTA – Eu me lembrei de um livro que eu estou tentando terminar de ler, intitulado *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*. Não me lembro agora do nome do autor, mas ele trata da procura do autoconhecimento, do estabelecimento inicial de valores, para a partir daí buscar uma independência do ser próprio, para que depois a gente busque uma interdependência, que já entra na questão social, ou seja, a partir do momento em que você se torna independente e que todo o mundo faz o mesmo, você consegue estabelecer relações de ajuda em relação a outras pessoas. Uma outra questão que eu queria colocar é sobre um caso que aconteceu ontem comigo. Passando pela Praça da Liberdade, encontrei algumas pessoas fazendo um batuque; eram moradores de rua com instrumentos improvisados. Um deles me contou a história de uma música que tratava de uma cidade chamada Nepal. Nessa cidade, que acredito seja um lugar imaginário, há uma praça, e nessa praça os que têm mais dinheiro chegam

e deixam o dinheiro lá, e os mais pobres vão e pegam, não é o pobre que pede a esmola. Ele simplesmente vai à praça e busca o dinheiro, porque alguém tem mais do que ele.

RESPOSTA – Quero começar por aquela primeira questão que você levantou. Talvez não esteja certo eu dizer dessa forma, mas muita gente está lendo esses livros de auto ajuda, buscando na literatura uma auto ajuda, que vem pelo outro; às vezes a gente diz autoajuda , mas é uma hetero ajuda, o outro diz para mim como é que eu tenho que fazer. A questão, por exemplo, que você levanta, e ele diz assim, primeiro eu preciso construir uma independência e depois é que eu vou poder instaurar uma interdependência. Negativo, eu acho que a gente precisa fugir desse jogo de eu sou mais eu, eu me construo por mim mesmo, primeiro eu vou dar jeito em mim; isso não existe no mundo, nós não vivemos sozinhos. Emanuel Mounier, que construiu o personalismo como teoria, dizia, "Ninguém no mundo é uma ilha." E não dá para a gente se construir como ilha, "Ah, vou apagar todos os outros!". O apagamento dos outros é uma impostura. Eu não posso apagar o outro, não como um caminho metodológico, para depois me relacionar com o outro, isso não existe. E acho que a gente entra fácil nesse barco de "Eu preciso de pensar em mim mesmo". Eu não tenho que pensar em mim mesmo, eu acho que eu tenho que pensar sempre no outro. Acho que esse tem que ser um compromisso ético. Essa construção que eu faço, começando por mim, eu acho que é impostora. A alteridade tem que se impor como caminho, como modelo, como método. A interação, e não o isolamento, precisa ser a única alternativa para que a gente construa. Não dá para pensar que em algum momento eu preciso de cuidar de mim mesmo. Eu sempre tenho que cuidar é do outro, o outro vai cuidar de mim. Isso é um jogo de troca. Conta-se que num período glacial, muito frio, os bichos que cuidavam apenas de si iam morrer; eles precisavam dormir agarrados, dormir juntos para um esquentar o outro. A gente vive períodos glaciais, parece que a gente precisa esquentar. Esquentar-se é no outro, não consigo me esquentar em mim. E aí a história

continua, dizendo: "Bem, aí tem os porcos-espinhos, que é um pouco o que nós somos, espinhentos para com os outros, e como é que eles davam conta"? Eles precisavam encontrar um equilíbrio entre ficar perto e ficar longe, acho que isso é um pouco esse equilíbrio que a gente tem que encontrar, ficar perto e ficar longe. Se eu me encostar demais no outro, talvez eu aceite que o outro guie a minha vida, diga o que eu tenho de fazer. Se eu ficar longe demais do outro eu morro de frio, eu morro pela ausência do outro. Nós somos de certa forma esse porco-espinho, então é encontrar esse jogo entre estar perto e estar longe, mas não sem o outro, isso eu acho que não é o programa que eu estava enunciando. Você falou dos moradores de rua e eu me lembrei da perspectiva das coisas que acontecem com a gente a partir do cotidiano. O morador de rua é um grupo social que é o lugar onde nós circulamos. São todas aquelas pessoas, eu vou alargar isso um pouco, todas aquelas pessoas com as quais a gente se encontra no cotidiano. Esses camaradas é que são os nossos constituidores, os colegas de trabalho, a nossa própria família, as pessoas que a gente encontra na rua, no ônibus, as pessoas para as quais a gente dá carona no carro. Às vezes a gente desvaloriza demais essas pessoas, porque conviveu demais com elas, está chateado demais com elas. Elas é que são as nossas constituidoras, e não o Tarcísio Meira, o José Mayer, nem sei, há tantos anos que eu não vejo mais a Globo, que eu não sei mais o nome desses caras. Nós vivemos uma vida de impostura, essas pessoas é que acabam se constituindo como os nossos outros, e a pessoa que estava do nosso lado se torna invisível. Acho que a gente tem que começar a desligar a televisão. Mas um programa insano como esse que estou propondo não leva a nada. Mas quem sabe um outro programa de televisão que não seja como esses, porque esses nos constituíram como uma gente ruim. Vou lembrar algumas coisas saudosistas que talvez não levem a nada: não põem a cadeira mais na calçada. A gente não sabe mais fazer serenata. A gente não visita mais ninguém, ninguém mais tem compadre, ninguém mais tem comadre, ninguém mais tem nem vizinho. Mas

há um outro jeito de viver, diferente desse em que a gente vive. Nós estamos conseguindo produzir o apagamento do outro, a gente, do serviço, volta para casa, a gente passa meses sem ver o vizinho, vizinho nem existe, ele é vizinho físico só. Então, acho que isso que você está lembrando é fundamental, começar a prestar atenção nessas pessoas que a gente encontra no cotidiano; pode ser nos moradores de rua ou naqueles que a gente encontra todo dia. E uma terceira coisa é essa relação entre quem tem mais e quem tem menos. Quem tem mais roubou de quem tem menos. Essa é uma coisa que a gente vai ter que aprender a resolver, mas só se tem mais quando a gente rouba de alguém que ficou com menos. Tudo é de todos, a Mãe Terra é de todos. Nós instauramos uma sociedade, um jeito de pensar, uma ideologia. A gente aprova essa ideologia em que as pessoas conseguem acumular, tirando dos outros, evidentemente. Nós precisamos também decidir, responder, nos arriscarmos a construir uma outra sociedade diferente desta. Ninguém gosta desta sociedade, exceto quem tem mais. A gente está acostumado com esta sociedade achando que ela é única. Nós já tivemos vários outros tipos de sociedade, esse tipo de sociedade é horroroso com relação à divisão dos bens, à participação no fruto do próprio trabalho, o próprio trabalho é tirado de mim. É uma sociedade ruim essa que a gente construiu, e a grande luta talvez não seja pela propriedade dos bens. A grande luta que se trava hoje na sociedade é sobre a propriedade do discurso. Quem é o dono do discurso? O próprio Bakhtin já diz, com clareza, que o discurso, a enunciação, a palavra são o lugar da luta de classes, que não é a fábrica. A gente luta entre a gente, as classes lutam entre si, os grupos sociais lutam entre si é discursivamente, exceto quando a gente "vai para o pau" mesmo, mas isso é uma raridade. O normal é a gente querer se "adonar" do discurso, quem é que diz como o mundo vai ser. Hoje, pouca gente está dizendo como o mundo vai ser. A minha proposta é de que todos digam como queremos que o mundo venha a ser; assim ampliamos essa luta e não a deixamos na mão de poucas pessoas; é isso que estou propondo, é isso que

Bakhtin nos instiga a propor. Que façamos do discurso esse lugar da ética, o lugar da luta, o lugar da confrontação.

PERGUNTA – Nas relações de trabalho o "eu" tende a ser sufocado em nome de um ente imaginário, que é uma pessoa jurídica. Há o aparecimento de alguns grupos que assumem falar por vários, com o significado do desejo de vários, as associações, os sindicatos. As instituições tendem a querer cercar-se de regras que assegurem a sobrevivência dessas entidades e as chamamos de normas. Como fazer com que essas normas não aumentem o fosso das diferenças, tentando ver a todos como iguais e os tratando assim?

RESPOSTA – A primeira questão é que um fala por vários. Esse tema vai voltar o tempo todo, um fala por vários. A sociedade que nós criamos é uma sociedade bem representativa, no geral. Um sempre falando por vários. Há dois caminhos. Os "vários" aceitam e querem que o "um" fale por ele. Essa é a pior desgraça que a gente poderia ter. Eu abri mão do direito de falar. A fala é mínima, parece que não temos o domínio da fala pública. Eu sempre quero que alguém fale por mim. Nós construímos uma sociedade da vergonha. Falar é vergonhoso, dizer o que eu penso é vergonhoso. Outros países não parecem ter construído sociedades assim, as pessoas falam. Há algo na nossa educação, no nosso jeito de ser, das relações que instauramos entre nós, desse jogo de interações, em que há uma assimetria provavelmente muito grande, o que significa que nós somos uma sociedade autoritária aparentemente. Essa nossa alegria é para esconder relações autoritárias, exageradamente autoritárias que existem nas relações das igrejas, dos pastores, dos padres, da sociedade, dos professores com os alunos, dos pais com os filhos. É provável que isso seja esse retrato. Nós temos uma sociedade em que as relações são violentas. Violentas não no sentido de bater e arrancar pedaço, ainda que lamentavelmente também essa agressão física ainda exista. Nós ainda temos uma sociedade do cala a boca. Do sabe com

quem você está falando. Se eu tenho de saber com quem eu estou falando, então é porque eu não tenho que falar. Eu não posso falar. Provavelmente ele está dizendo: sabe quem eu sou para estar falando comigo? Eles, sejam lá quem forem, nos põem no nosso lugar. Eles estão assimetricamente acima do seu interlocutor, eles não se põem no lugar da interlocução. Todos os lugares que a gente tem são lugares de autoridade, pai com filho, professor com aluno, patrão. Um fala por vários; um fala por todos. O professor sabe, o aluno não sabe, o Paulo Freire brigou a vida inteira por isso. Todo mundo sabe o seu lugar. As salas de aula deveriam se constituir em lugares de troca de experiências! A gente sabe trocar experiência. A gente faz na sala de aula experimentos, conforme a tese da Maria Emília Caixeta, eu estava na banca dela. A gente parece que não sabe mais trocar experiências, a gente só entende de experimentos físicos, químicos, biológicos; usa o outro para fazer experiência, mas não para trocar experiência. A gente não sabe mais contar história, contar "causos", não sabe nem mais pitar um "palheiro", tomar uma cachaça. A gente foi se esquecendo dessas coisas que colocam as pessoas em pé de igualdade. Passar horas contando uma história, ouvindo a do outro, isso é se colocar como igual nos processos interativos. Talvez a gente esteja construindo uma sociedade em que um fala e calam os outros, um toma a decisão e calam-se as decisões dos outros. Essa coisa é do início da modernidade; estavam lá Locke e Hobbes trocando ideias para saber como é que a gente ia construir esse jogo de relações. E o Hobbes querendo uma relação em que um representasse todos e todos os outros abrissem mão de si próprios, um absolutismo, que talvez seja o absolutismo que está começando a rolar na sociedade. E o Locke dizendo: "Não, espera aí, eu quero construir uma instituição, que era o Estado, mas na qual eu não tenha que abrir mão dos meus direitos, da minha fala, direito de espernear, de reclamar, de decidir, de destituir o próprio soberano". Eu abro mão de tudo, parece que é assim que a gente está vivendo. Nós construímos instituições mas eu quero continuar voz ativa, falando, decidindo, instaurando normas que sejam cada vez mais democráticas.

Contra os defeitos da democracia, mais democracia, e não autoritarismo. Se a democracia tem defeitos, as instituições têm defeitos, uns decidem pelos outros, mais democracia neles, isto, é mais gente falando, mais gente dizendo aquilo que pensa, mais gente exigindo espaços de fala, alargando a base de decisão. Mas uma coisa da qual não quero abrir mão para não quebrar a fala é: cada um de nós não pode abrir mão daquilo que tem de dizer, de pensar aquilo que só você do seu lugar pode pensar. É isso. E se pensa, fala, e se fala, está no jogo, isso é uma atividade, mexe com o outro. E o outro também quando fala te mexe. Então começa um jogo na sociedade quem é muito mais positivo do que esse do "Sabe com que você está falando?" "Cala a boca!", "Me ouve!", "Eu é que sei!". Essa é uma sociedade que eu não quero e tenho certeza de que ninguém aqui quer.

PERGUNTA – Eu queria ponderar sobre algumas questões colocadas para reflexão no final dessa exposição. A questão da racionalidade e da paixão, da emoção; a questão da aceitação do outro como legítimo outro na convivência; a questão da participação de cada "um", desse um deixar-se falar pelo outro. Porque eu vejo essas provocações como, na verdade, a necessidade de se romper um paradigma, de repensar esse sentido de aceitar o outro como o outro legítimo na nossa convivência. Eu penso que é muito difícil a gente ou convidar ou despertar no outro essa necessidade, essa "necessitação" que o senhor inventou aí, de repensar a consequência dos nossos atos como um comportamento ético. A própria velocidade do cotidiano dificulta esse repensar no outro. Mas em que sentido eu coloco isso? Porque é um problema essa necessidade de o discurso ser direcionado ao outro que não tem interesse nesse repensar. Porque na verdade a gente está aqui num ciclo de palestras, nós temos 200 lugares aqui, mas há poucas pessoas. Eu acho que a grande mudança virá a partir do momento em que as pessoas que não tem interesse em repensar isso começarem a querer repensar. Então eu vejo que é um grande problema, uma grande dificuldade romper o paradigma.

RESPOSTA – É uma opinião bem interessante e provocadora. E a pergunta que fica é: por que os outros não têm esse interesse que nós temos? E o que a gente devia dizer é: digam quais são os seus interesses. Eu nem reclamo que não temos 200 aqui, eu sempre acho que o jogo é assim mesmo, é de grupos pequenos e de mais grupos. O que a gente precisa é ter várias dessas, várias dessas em vários lugares. Acho que as pessoas têm que ser provocadas para que digam quais são os seus interesses; certamente esses interesses entrarão numa fermentação, num jogo de "necessitação" de ações, de atividades, que vai fazer emergir esses exatos responsáveis de cada pessoa, de cada grupo. Não dá para a gente pensar que esse é o interesse de todos; eles terão outros interesses. Se forem interesses que a gente acha que está naquela linha dos interesses papagaiados, repetidos, copiados, teleguiados, na perspectiva já levantada no começo do debate, cabe-nos mais o direito de questionar, de confrontar, de repelir, de levantar questões para que eles possam cada vez mais serem responsáveis por essa escolha que fizeram, mesmo que aos nossos olhos possa parecer uma escolha torta, que não vai nos levar para aqueles lugares de sonhos novos. A corrente precisa do meu ato individual. Isto é, como a gente vai despertar todo mundo para dizer "Não vá formar corrente, pense por você, diga o que você quer, explicite o seu interesse"? Acho que aí a gente vai conseguir, sim, garantir que a velocidade do cotidiano seja uma boa velocidade; não está lento, nem acelerado. Na velocidade do cotidiano a gente conseguiu construir nesse mundo, o que é melhor para todo mundo, ou o que é ao menos diferente. Melhor, não necessariamente mais capitalista, ou com a perspectiva de mais bens, mas melhor no sentido de as pessoas poderem explicitar melhor a paixão, viver melhor, viver com mais dignidade. Então, não se assombre com a velocidade, assombre-se sim com "Diga o que você está pensando". É isso que está faltando, porque tão pouca gente explicita quais são os seus interesses.

PERGUNTA – Com a febre da Web 2.0, as comunidades de relacionamento, os microblogs, os blogs, essas ferramentas e

esses instrumentos podem auxiliar na aproximação das pessoas, auxiliar na criação de discussões diferentes, e até mesmo construir uma realidade diferente. Como vê isso?

RESPOSTA – Tudo que a gente coloca, seja no Facebook, no Orkut, tudo isso tem uma repercussão, fica ali gravado, então não tem como você apagar, porque aquilo já está na web e vai circulando cada vez mais. Por vezes você tem uma máscara, o seu próprio nome é um outro nome, nem a sua própria foto você põe lá. Alguns colocam, sei lá, o Tom Cruise, outros põem um cachorro, outro põe um jacaré. Por vezes nem é a própria fotografia, cria uma máscara, esconde se atrás de uma máscara, de uma outra persona. Esse é um lado: quero conversar com o mundo inteiro, tenho um milhão de seguidores. Agora o recorde é ter um milhão de seguidores no Twitter, o Luciano Huck tem, mas o treinador do Corinthians também tem. Mas é capaz de não ter um amigo na rua onde mora, no lugar onde trabalha. Tem esse paradoxo, eu quero ter um milhão de amigos, mas eu não converso com a pessoa que está do meu lado. Aquele com quem eu tenho de conviver é um grande invisível. Hoje a gente tem uma sociedade da invisibilidade. Eu consigo ficar invisível. Às vezes a gente consegue ficar invisível até dentro de casa, marido, mulher, pais, filhos, eles ficam invisíveis entre si, todo mundo olha para a televisão e não vê as pessoas que estão do lado. O outro lado é fabuloso, você poder se comunicar, você tem que se significar naquela fala, tem que assumir posturas, posições. Eu vejo de vez em quando uma notícia e abaixo tem 50 comentários, são um xingamento generalizado aqueles comentários, mas são posições que as pessoas têm que tomar, pró-Lula, contra Lula, a favor do Brasil, contra o Brasil, pró-Olimpíada. O volume de xingamento ali é uma coisa impressionante, mas eles se posicionam. Claro, eles inventam um nome, mas eles estão dizendo alguma coisa. Entre não dizer nada e dizer, acho que nós estamos tendo um ganho muito grande. Muita gente está escrevendo, muita gente mesmo, talvez nunca se tenha escrito tanto assim no mundo, nem tanta

gente tenha escrito tanto. A sociedade da escrita, da letra, é sempre uma sociedade muito reduzida, poucos escrevem, poucos produzem texto. De repente, com a internet, a gente tem uma multidão de pessoas produzindo textos, grandes, pequenos; e esses textos, evidentemente, exigem uma posição. Se eu escrevo, eu tenho que escolher léxico, eu tenho que escolher adjetivos, eu sou a favor disso ou contra aquilo, aquilo me posiciona, talvez não me posicione para a pessoa que está ao meu lado, mas me posiciona numa comunidade, num determinado blog, num Twitter, nalgum lugar. Mas no lugar onde eu moro, onde eu vivo, onde eu passo o meu cotidiano, o meu micromundo, talvez ali eu seja um sujeito invisível, ninguém nem saiba o que eu penso. Na internet eu sou um grande pensador, sou um grande filósofo e ninguém sabe o que eu sou. Há esse paradoxo, essa contradição. De todo o jeito, acho que quem reclama bastante disso são cabras velhos como eu. Porque a sociedade atual, moderna, já nasceu por dentro da internet; eu não, eu nasci na roça. Minha ferramenta de trabalho era a enxada. Quando eu tinha oito anos vim para a cidade. Eu fiz uma passagem. Depois é que eu vim para a universidade, quando já estava velho. Então, eu circulei pelas três sociedades, agricultura com industrialismo e uma sociedade da tecnologia, num período da minha vida. A maior parte das pessoas hoje já nasceu dentro dessa sociedade, isso para eles não é estranho, é estranho para mim, para você, para nós que estamos aqui, para eles não. Para eles é estranho não estar com o computador aberto, acessando, se comunicando, vendo quantos os estão seguindo, sabendo onde é que eles têm que se adaptar. Esse é o mundo deles. Provavelmente eles serão bem diferentes de nós. Agora, nós talvez nos neguemos a dizer a nossa palavra no lugar onde a gente mora, eles estão dizendo a palavra no lugar onde eles vivem e circulam, que é a internet. O mundo será assim, e não como o nosso. O nosso é um mundo velho, já está acabado, podre.

PERGUNTA – Eu queria implicar um pouco com o que você disse, que nós precisamos nos dizer mais, que nós

não temos álibi no mundo para estarmos calados, para não nos posicionarmos. Não seria um pouco disso que está acontecendo agora? Quando a gente fala de uma crise sem precedentes, não será que é porque está-se falando muito, as pessoas estão se posicionando muito? É que as diferenças vão sendo pautadas, vão sendo explicitadas; enfim, as pessoas passam a se constituir mesmo como sujeitos falantes no mundo e por isso é que elas vão apontar os problemas, na política, na sociedade, de um modo mais geral, e vai parecer para nós que é um problema enorme, uma crise sem precedentes. Minha impressão é de que o pensamento, como um ato ético, é aberto por natureza, os sujeitos são e serão sempre inacabados, e isso não admite acabamento estético. Então essa questão da crise sempre vai estar posta, mas quando a gente fala de crise parece que a gente está procurando um lugar de conforto, um lugar de estabilizar, e eu penso que do ponto de vista bakhtiniano isso é inconcluso, isso é "irresolvível", insolvível, não tem solução. Não há solução para esse problema, porque ele é próprio da natureza do sujeito que se pensa no mundo. À medida que o mundo vai mudando, outras questões vão se colocando, esses sujeitos estão se colocando. Eu queria problematizar um pouco a sua fala, dessa crise do viver responsável, porque eu acho que ela está sempre em pauta, ela é aberta por natureza.

RESPOSTA – A gente sempre pensa que dá para dividir o mundo em dois pedaços: um mundo que tem ética, que é o mundo das pessoas boas, e um mundo que não tem ética, que é o mundo das pessoas ruins. É claro que eu estou sempre do lado das pessoas boas, não estou do lado das pessoas ruins. Pode-se por vezes até mesmo radicalizar um pouco: "quem mata alguém não tem ética, quem faz aborto não tem ética", como se fosse possível em algum momento alguém viver sem ter ética. Essa é uma primeira discussão. Então, a gente não tem ética, porque se eu tenho, em algum momento eu posso não ter. Eu sou um sujeito ético, e isso eu não posso não ser. Por que é, então, que temos essas divisões, ou em

algum momento parece que somos pior do que o outro, em algum momento parece que a sociedade em geral é pior do que outra? É porque falam mais, explicitam mais, mais gente está denunciando mais? Não me parece. Se a gente ler os depoimentos de 100, 120, 150 anos atrás, quando a gente já tinha aqui no Império as Câmaras e o Senado, os discursos que aparecem lá são de que no geral os políticos já faziam as mesmas patifarias que fazem hoje. O Rui Barbosa, descrevendo o comportamento na Câmara, parece-nos os discursos atuais. As mesmas coisas que ele diz lá gente ouve dizer hoje. Então, melhor ou pior, nós somos o que somos , talvez seja o que a gente tem que dizer, somos o que somos, com os meios de comunicação, com mais falação, que explicita, clareia, mas é assim que a gente é. A pergunta talvez que a gente tivesse que fazer, que eu já fiz aqui, é se a gente gosta de ser assim ou se em algum momento a gente diz: "Não, agora nós vamos construir uma outra memória. Nós não queremos mais ser desse jeito, nós queremos um outro país, nós queremos outros políticos, nós queremos outros sujeitos que nos administrem, nós queremos nos comportar, ter a nossa postura, não como uma impostura, mas como um lugar de postura positiva que vai fazer uma divisão melhor dos bens, da riqueza". Se o Brasil é um país rico nós queremos isso como um país diferente, não o mesmo país para alguns. Porque não adianta a gente fazer riqueza se ela vai parar nas mesmas mãos! Nós, como país vamos ser ricos, mas como população, de novo vamos estar no 75º, 67º lugar no mundo, em qualidade de vida, distribuição de riqueza, transparência, etc. Quanto mais riqueza nós tivermos, mais a gente abastece de riqueza a classe rica e não o povo. Esse é o país que a gente quer? Em algum momento a gente tem que dizer não, esse país não nos interessa. Mas aí, vai ser a gente decidir um outro país, e não manter do mesmo jeito. Isso dá para fazer assim sentado, numa sombra, conversando? Não dá. Vai ter que pegar em armas? Talvez não. Mas nós vamos ter que ser mais duros no nosso jogo, vamos ter que trabalhar mais forte no nosso discurso, sermos

donos de um discurso claro, sermos donos das exigências que a gente faz, sermos donos das "necessitâncias" éticas que a gente tem. Então, provavelmente a gente vai ter que clarear mais a fala entre nós para começar a dizer que tipo de mundo a gente quer, que tipo de país a gente quer, que tipo de sociedade a gente quer; de sociedade produtiva, de repartição de bens, de produção agrícola, de manter ou não a floresta, explorar ou não o petróleo. Essas coisas têm que nos interessar, elas não podem interessar só aos gutierrez da vida, aos odebrecht da vida, elas têm que interessar a nós, a cada um, cidadão comum na sua microvida. Eu tenho que ajudar a decidir sobre o pré-sal, sobre a educação, sobre a universidade. Mas, no momento, parece que a gente está a reboque na fala das pessoas. Pagamos para alguém pensar para nós, pagamos para alguém decidir por nós. A gente parece que exige que alguém ocupe o nosso lugar, pode ser uma instituição, pode ser um presidente de qualquer coisa, "sabe com quem você está falando?, virei presidente de alguma coisa, vou falar no seu lugar". Essa sociedade é que a gente tem que dar por encerrada, porque a nossa vida nós não encerramos, as relações nós não encerramos; elas estão com muita assimetria, acho que essa é a nossa queixa maior. Elas precisam ser modificadas e é nós nos adonando de um discurso diferente, nós não precisamos pegar em armas, matar ninguém, nós precisamos começar a fazer um discurso diferente, de um mundo diferente. Então, se há uma crise maior, sem precedente, eu diria não, essa crise tem precedente, 500 anos, 1.000 anos, sabe lá Deus quantos anos. As últimas grandes crises desde a sociedade industrial, essa sociedade bem mais dividida, 350 anos, 400, mas a sociedade agrícola dos últimos 10 mil anos tinha crises, que eram outras. Agora nós vamos entrar numa outra sociedade, mais tecnológica, uma nova onda. Toffler diria que é uma terceira onda, agriculturismo, industrialismo, uma sociedade tecnológica, uma sociedade que vai começando a acontecer no nosso tempo de vida – eu acho isso fabuloso. Nos últimos 10 mil anos três grandes revoluções na humanidade, uma

enquanto enquanto a gente está vivo; o mundo depois de nós não vai ser mais o mesmo. O meu avô não podia dizer isso com muita claridade, mas nós podemos. O mundo vai ser completamente diferente. Acho que a gente tem uma chance de, quem sabe, acabar com vários precedentes, fazer um outro mundo diferente. Vamos abrir a nossa boca, falar, assinar, responder, dizer eticamente como queremos ser e então, sim, acho que novas relações vão se instaurando, novos sujeitos vão se construindo, novos outros, novos eus; é um jogo.